

## O TEATRO POPULAR NO LIVRO DIDÁTICO

GARCIA, Aline Cristina.

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
alinegarcia\_5@hotmail.com

BULHÕES, Ricardo Magalhães

UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
lbulhoes@femanet.com.br

**Resumo:** O presente trabalho vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CPTL/ Três Lagoas). O objetivo principal da análise será promover o estudo, a pesquisa e a reflexão crítica em torno do modo como o teatro popular é representado nos livros Didáticos destinados ao Ensino Fundamental. O *corpus* de análise se constitui de excertos dos textos (literários e teóricos) inseridos no livro “Tudo é linguagem”, coleção voltada para o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, distribuídas pelo PNL (Plano Nacional do Livro Didático). Tais obras foram adotadas no triênio de 2011 a 2013, escolhidas pelos professores e coordenadores da escola estadual D<sup>a</sup> Noêmia Dias Perotti, da cidade de Mirandópolis, interior de São Paulo. O estudo tem caráter sincrônico, pois privilegiará a descrição e análise de diferentes aspectos metodológicos de obras didáticas que, em geral, reservam pouco espaço para o tratamento da cultura popular, em especial o teatro. Busca, ainda, verificar quais os textos e autores mais frequentes, os temas e os conteúdos ideológicos predominantes das obras, levando-se em consideração a concepção de ensino vislumbrada pelo material didático. As considerações de ordem teórica que sustentam a análise encontram-se, basicamente, em dois autores: Olga Reverbel e Maria Thereza Fraga Rocco.

**Palavras-chave:** Aspectos metodológicos; Ensino Fundamental; Livro Didático; Teatro Popular.

### Introdução

Este artigo visa analisar a representação da cultura popular, o teatro, por meio dos textos literários explorados nos livros didáticos do Ensino Fundamental II, coleção *Tudo é Linguagem*, escolhida pelos professores de Língua Portuguesa e coordenadores da Escola Estadual D<sup>a</sup> Noêmia Dias Perotti, que atende a classe minoritária da cidade e obedece ao Projeto Político-Pedagógico da instituição.

Falar em classe minoritária torna-se somente uma questão de caracterização escolar, a fim de sabermos que clientela essa instituição atende. Logo, partiremos para o campo conflituoso, o ato de ler, situação preocupante que não se encontra apenas nessa escola, mas em todas as camadas sociais e entidades educacionais.

Para traçarmos o perfil desse novo leitor, procederemos ao diálogo entre o ensino da literatura e a cultura popular, partindo do teatro e da linguagem ali explorada. O riso, a graça, a voz alta, o silêncio e os gestos, enfim, a representação que esteve em voga no século XX compõe o quadro que nos trouxe essa inquietação: será que hoje, numa sociedade que é

escrava da vaidade, existe, em comparação ao século anterior, a mesma repercussão desse quadro?

### 1. O livro didático e a sua função.

Com o intuito de facilitar a escolha dos livros didáticos a serem usados nas escolas, o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) junto com o PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) distribui para as escolas, a cada três anos, o Guia de Livro Didático, em que constam os resumos das coleções e uma série de informações relevantes ao corpo docente e equipe gestora sobre determinados livros. Além desse guia, eles enviam versões impressas e disponibilizam também a versão digital no *site* da FNDE a fim de que todos possam conhecer melhor os livros e selecionar os mais adequados ao projeto de ensino de cada escola.

O prazo para a escolha é de um mês geralmente, solicitando-se às escolas a escolha de duas opções de cada componente curricular de editoras diferentes. Após encaminhar os dados sobre os pedidos feitos por escolas públicas de todo o país, o FNDE negocia a aquisição das obras com as editoras e, em função da escala da compra, obtêm-se preços bem abaixo dos praticados no mercado.

Os livros didáticos distribuídos pelo FNDE são confeccionados com uma estrutura física resistente para que possam ser utilizados por três anos consecutivos, beneficiando mais de um aluno.

A escola estadual “D<sup>a</sup> Noêmia Dias Perotti”, em 2011, fez a escolha da coleção “Tudo é linguagem”, de Ana Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, autoras com traços em comum: professoras de Língua Portuguesa, mestras pela USP (Universidade de São Paulo) e participantes de um mesmo projeto da Nestlé – Projeto Viagem Nestlé pela Literatura. Os ilustradores dessa coleção são Faií e Glair Alonso, personalidades famosas por ilustrar livros infantojuvenis.

Essa coleção é voltada ao Ensino Fundamental II, que abrange o 6<sup>o</sup>, 7<sup>o</sup>, 8<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> ano. Cada unidade apresenta uma situação nova, afinal, são séries em andamento. No 6<sup>o</sup> ano, a língua e a diversidade cultural são um prato cheio; no 7<sup>o</sup>, os alunos vão conhecer as origens e influências da língua; no 8<sup>o</sup>, eles já se deparam com a língua e as transformações no tempo; no último ano, o que encerra o ciclo II, vão explorar a língua na sociedade da informação.

Devido a essa organização, as autoras distribuem gêneros textuais e projetos de leitura (final do livro) diversificados para cada ano de estudo. Além do mais, a estrutura do livro obedece ao que exige o PNLD:

- ✓ desenvolvimento da linguagem oral e a apropriação;
- ✓ desenvolvimento da linguagem escrita, especialmente no que diz respeito a demandas oriundas seja de situações e instâncias públicas e formais de uso da língua, seja do próprio processo de ensino-aprendizagem escolar;
- ✓ pleno acesso ao mundo da escrita; e, portanto, proficiência em leitura e escrita, no que diz respeito a gêneros discursivos e tipos de texto representativos das principais funções da escrita em diferentes esferas de atividade social;
- ✓ fruição estética e a apreciação crítica da produção literária associada à língua portuguesa, em especial à da literatura brasileira;
- ✓ desenvolvimento de atitudes, competências e habilidades envolvidas na compreensão da variação linguística e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de forma a evitar o preconceito e valorizar as diferentes possibilidades de expressão linguística;

- ✓ domínio das normas urbanas de prestígio, especialmente em sua modalidade escrita, mas também nas situações orais públicas em que seu uso é socialmente requerido;
- ✓ práticas de análise e reflexão sobre a língua, na medida em que se revelarem pertinentes, seja para a (re)construção dos sentidos de textos, seja para a compreensão do funcionamento da língua e da linguagem. (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2010 p. 22)

No 6º ano, antiga 5ª série, as autoras esboçam o conto popular em prosa (*O caso do espelho*, versão de conto popular por Ricardo Azevedo), conto popular em versos: poema narrativo (*Os porcos do compadre*, Pedro Bandeira), conto em prosa poética (*Fiapo de trapo*, Ana Maria Machado), conto fantástico (*Um desejo e dois irmãos*, Marina Colasanti), conto baseado em fatos reais (*As meninas e as balas*, Giorgina Martins), reportagem e notícia: relatos (*Era uma casa... sem janela nem quintal*, Folha de São Paulo, 27 out. 2001. Suplemento Folhinha), diálogo argumentativo em uma crônica (*Hora de dormir*, Fernando Sabino) e regras e instruções – texto instrucional (*O espelho dos nomes*, Marcos Bagno). Há também outros textos que dialogam com esses gêneros, interpretação de texto – compreensão inicial, construção do texto e linguagem do texto, como apresenta os estudos gramaticais – língua: usos e reflexão, ampliação de leitura – outras linguagens, outros textos e a produção de texto oral e escrito. Esse livro também apresenta o projeto de leitura, cujo livro é “Operação Risoto”, da escritora Eva Furnari, uma narrativa com diferentes sequências discursivas.

No ano subsequente, 7º, os gêneros vistos por unidade são: conto (*A aranha*, Orígenes Lessa), crônica (*Aconteceu alguma coisa*, Carlos Drummond de Andrade e *Os jornais*, Rubem Braga), relato e memória: diário, biografia e autobiografia (*Tipo assim*, Clarice Bean, Lauren Child e *O arco-íris*, Frei Betto), relato de experiências (*De costas para o ano-novo*, Amyr Klink; *Textos da viagem*, Marina B. Klink; *Manuscrito encontrado numa garrafa*, Edgar Allan Poe; *No olho do furacão*, revista Os caminhos da Terra, maio 2004. São Paulo: Peixes, p.20-1), poemas (texto *Mistério de amor*, José Paulo Paes e imagem, de Rubens Matuck; *Tarde de verão*, de Estela Bonini, *Pássaro em vertical* de Libério Neves; e *Traduzir-se*, de Ferreira Gullar), texto jornalístico (a primeira página de um jornal, notícias: “*Batman*” invade..., *Área de mil campos de futebol...*, *A selva como laboratório*, *Clean Up Day* *Une mergulhadores...*), reportagem (*No coração da selva*, de Thomas Traumann), notícia: (*Funai quer brancos distantes das tribos*), relato em forma de diário (*O roteiro da expedição*), mapa ou carta geográfica (*o mapa da expedição Ajuricaba*), quadro-resumo (*A expedição...*), relato pessoal (*Na selva mais entrevistas*), artigo de opinião (*A mania nacional da transgressão leve de Michel Kepp*). Esse livro vai seguir o mesmo esquema de aprendizagem do anterior, embora com conteúdo diversificado: interpretação do texto – compreensão inicial, construção do texto e linguagem do texto, como apresenta os estudos gramaticais – língua: usos e reflexão, ampliação de leitura – outras linguagens, outros textos e a produção de texto oral e escrito. Só o projeto de leitura será diferente, esse traz relatos e memórias: antologia num conjunto de 20 memórias (*No coração*, de Juca Novaes e Ize Novaes, *O menino maluquinho*, de Ziraldo, *Calvin e Haroldo*, de Bill Watterson, *Chiclete com banana*, de Arnaldo Angeli Filho, *Fazenda*, de Milton Nascimento, *Retratos*, de Roseana Murray, *A caipirinha*, de Tarsila do Amaral, *Um pintor que escreve*, de Candido Portinari, *Infância na praia*, de Danuza Leão, “*Ô de casal*”, de Cora Coralina, *Sobre sucatas*, de Manoel de Barros, *Brinquedos incendiados*, de Cecília Meireles, *Infância*, de Carlos Drummond de Andrade, *Aos poetas clássicos*, de Patativa do Assaré, *Os meninos morenos*, de Ziraldo, *Transplante de menina*, de Tatiana Belinky, *Laura*, de Graciliano Ramos, *O primeiro beijo*, de Maria Mariana, *Lição de casa*, de Cineas Santos e *Mundo mandar*, de Gilberto Gil).

No 8º ano inicia-se outro repertório: conto e epopeia (*O rei Gligamesh*, de Ludmila Zeman), conto e romance (*Aos vinte anos*, de Aluísio Azevedo e *Ngunga e Uassamba*, de Pepeteia), crônica argumentativa (*Brasileiro cem-milhões*, de Carlos Drummond de Andrade e *A bola*, de Luis Fernando Veríssimo), artigo informativo (*Consumismo*), texto e artigo de opinião (*Insegurança*, de Contardo Calligaris e *Eu sou “normal”*, de Adélia Chagas), publicidade (anúncios publicitários), poema (*Tempo rei*, de Gilberto Gil e *O tempo é um fio*, de Henriqueta Lisboa). Do mesmo modo, esse livro não será diferente dos demais, vai focar a interpretação do texto – compreensão inicial, construção do texto e linguagem do texto, como apresenta os estudos gramaticais – língua: usos e reflexão, ampliação de leitura – outras linguagens, outros textos e a produção de texto oral e escrito. O projeto de leitura será uma exposição oral centrada em textos de informação e de divulgação científica – Marcas do tempo, composta por três partes, num total de 20 textos, finalizando com uma orientação pelas autoras de como proceder à exposição oral.

No último ano, que vem fechar o ciclo II, correspondente ao 9º ano, a obra traz uma reflexão nos seguintes gêneros textuais: escolha de linguagem e efeitos de sentido (*Sinal fechado*, de Paulinho da Viola, *Circuito fechado 3*, de Ricardo Ramos, *Circuito fechado 1*, de Ricardo Ramos, *Imagem*, de Arnaldo Antunes e Péricles Cavalcanti, *Fluvial pluvial*, de Augusto de Campos, “*Ruaruaruasol*”, de Ronaldo Azevedo), crônica e conto (*Metonímia, ou a vingança do enganado*, de Rachel de Queiroz, Quadros I, II e III), romance (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis), entrevista (*Para o alto e avante*, de Carolina Costa, “*A música me salvou*”, de Mariana Kalil e *Uma brasileira tranquila*, de Eliane Lobato), editorial (*Contra as armas e Não basta vetar armas*), artigo de opinião (*Olhos frios*, de Gianni Carta, “*Coleira*” é necessária para alguns, de Içami Tiba e *Trocamos educação por tecnologia?*, de Rosely Sayão) manifesto (*Manifesto 2000*). Esse último livro, correspondente ao fim do Ensino Fundamental II, segue à risca os demais - interpretação do texto: compreensão inicial, construção do texto e linguagem do texto, como apresenta os estudos gramaticais – língua: usos e reflexão, ampliação de leitura – outras linguagens, outros textos e a produção de texto oral e escrito. Já o projeto de leitura corresponde a um conto, outros gêneros e diferentes formas de defender opinião, sendo três textos (*O grande mentecapto*, de Fernando Sabino, *Balada do louco*, de Rita Lee e Arnaldo Baptista, *Maluco beleza*, de Raul Seixas), incluindo-se nessa coletânea o conto *O alienista*, de Machado de Assis.

Esses são os livros didáticos escolhidos pela escola em questão. E junto com eles há o caderno do aluno e o caderno do professor, que são distribuídos pelo Governo do Estado de São Paulo e recebidos a cada bimestre pelos envolvidos (alunos e professores). Além de adotar esses dois veículos, os docentes recorrem a atividades extracurriculares, com a utilização de filmes, revistas, jornais, internet e outros meios facilitadores, como o uso de livros fornecidos pela própria biblioteca da escola, em consonância com o que preconiza o Ministério da Educação e o FNDE.

Os livros didáticos foram criados para auxiliar o estudante na compreensão, interpretação dos textos, como num todo, pois o ajudam a entender melhor o conteúdo através de fotos, explicações com a facilitação de dispensar a cópia. E, aos professores, a condução dos temas e orientação de pesquisas. Assim, o docente busca no livro didático as contribuições que vai possibilitar a ele a mediação e a construção do conhecimento científico pelo aluno, para que este se aproprie da linguagem e desenvolva valores éticos, mediante os avanços da ciência, contextualizada e socialmente relevante.

Outro fator importante é que os livros didáticos precisam, sem dúvida, conter ferramentas que instiguem a discussão sobre o conteúdo teórico a fim de permitir sua conversão em conhecimento, fazendo com que o estudante desenvolva seu próprio conhecimento e diante dele possa tomar as suas próprias decisões.

Sabendo, então, que não temos apenas o livro didático como suporte ao professor e aluno, mas que é a ferramenta mais valiosa usada no sistema escolar devido ao rumo que nos proporciona e até mesmo pela sequência que nos favorece, pode-se afirmar que devemos ser cautelosos no planejamento de nossas aulas e estar cientes que nem toda teoria funcionará na prática. Assim, cabe-nos rever diariamente nossos conceitos e atitudes, já que a nossa linguagem deve aproximar-se da linguagem de nossos alunos, de nossos jovens para que possamos chamar a atenção deles e introduzi-los no universo da escrita, da leitura e da oralidade.

## **2. O ensino de literatura e a cultura popular – o teatro.**

“As coisas que a literatura pode buscar e ensinar são poucas, mas insubstituíveis: a maneira de olhar o próximo e a si próprio, de relacionar fatos pessoais e fatos gerais (...); a literatura pode ensinar a dureza, a piedade, a tristeza, a ironia, o humor e muitas outras coisas assim necessárias e difíceis.” (ÍTALO CALVINO, EM ASSUNTO ENCERRADO – DISCURSOS SOBRE LITERATURA E SOCIEDADE)

Através desse fragmento de Ítalo Calvino, um dos mais importantes escritores cubanos do século XX, percebemos as poucas coisas e os inúmeros benefícios que a literatura pode oferecer ao indivíduo que faz jus a essa arte como ele mesmo pronuncia.

A discussão sobre o ensino da dessa arte, seus conceitos e objetivos no espaço escolar, bem como sobre os materiais pedagógicos que atuam como suporte do professor no Ensino Fundamental e Médio, vem sendo uma das preocupações da universidade brasileira, sobretudo quando se verifica o desinteresse crescente pela leitura literária. Diante desse quadro, levaremos em conta a nossa sociedade, essa que busca apenas o que é útil, prático, que está a serviço de algo maior, para a qual as obras de arte parecem ser objetos estranhos: “a literatura não tem objetivos além de si mesma. O prazer da leitura é seu próprio fim” (ALVES, 2001, p. 52). Porém, este particular, que poderia ser considerado como um desvalor é justamente o que lhe confere valor, ou seja, o fato de não visar a utilidades práticas traz para a arte, na medida em que humaniza e trabalha contra a coisificação, um valor maior, um valor para o conhecimento.

Percebe-se, nos dias atuais, que a literatura não é tão importante na vida das pessoas, como se fosse algo que a sociedade dispensa. Como explica melhor Bosi, (ROCCO, 1981, p. 97) “vive-se numa fase de bastante perplexidade na medida em que se põe em xeque a função da literatura, a natureza da literatura; e também, como decorrência, a possibilidade de ensinar literatura”. Na verdade, muitos a consideram como algo que não gera prazer, muito menos diversão.

A questão do dilema acerca do ensino de literatura em nosso contexto pode ser exemplificada pelo que frequentemente acontece com os alunos durante o Ensino Médio. As pessoas envolvidas com estudos literários no contexto escolar se encontram em uma posição de conflito, já que essas três últimas séries se concentram em um estágio crucial da vida do estudante. Afinal, elas podem significar tanto o fim dos estudos e a entrada no mercado de trabalho, quanto a transição rumo ao ensino superior. Dessa forma, essas séries têm por obrigação formar para os dois caminhos. Dentro desse contexto, surgem questionamentos, como: a que vem a literatura? Como ela é “ensinada” nos livros didáticos referendados pelo próprio MEC? Que bases teóricas, que fontes bibliográficas e orientações metodológicas norteiam o ensino da literatura tendo como ponto de partida o período Romântico? A

existência de autores na lista do vestibular é válida? Qual seria a importância da literatura na escola contemporânea? Rildo Cosson (2006, p. 17) assim define a importância da Literatura na escola:

[...] na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. [...] É por possuir a função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Literatura não transmite nada. Cria [...]. E, o que é fundamental, ao mesmo tempo que cria, aponta para o provisório da criação.

A ficção literária, nos inquieta, faz com que reflitamos sobre o nosso dia a dia por meio do que é lúdico e crítico ao mesmo tempo, desenvolvendo o nosso imaginário e nos possibilitando criar e inovar diante de nossa realidade por meio da fantasia. E, para o artista, representa a multiplicidade de expressões, é gigantesca, ele parte do real para gerar novas formas e expressões.

Isso nos reafirma o quanto se torna importante a literatura para a nossa formação, e a escola vai ser um dos principais meios que vai permitir à criança, ao jovem esse contato com o livro, com o texto, com escritores, com essa fantasia que induz a viver com mais intensidade. Para Aguiar (2007), a literatura ainda permanece devido à sua ligação com o poder e o prestígio das classes dominantes, expressando a visão de mundo e os interesses dessa camada social. A escolha do texto, didático ou literário, é sempre complicada, especialmente quando a formação do professor (e mesmo a do leitor) é precária. Isto porque, sem entender o texto, sem conhecer as formas de “mergulhar” em seus sentidos, o professor recorre, muitas vezes, a interpretações já existentes, daí a permanência dos mesmos textos (os chamados cânones), daí a ausência das produções contemporâneas, ainda não estudadas e desvendadas pelos autores dos livros didáticos.

Como sabemos, há uma leitura diferenciada para alunos do infantil, do Ensino Fundamental I e II e também para os do Ensino Médio, visto que os professores seguem muitas vezes documentos e manuais que não lhes possibilita mergulhar em outros contextos livrescos. Há também o livro didático, que já traz os textos que serão trabalhados em sala e, na biblioteca, regularmente existem livros que estão dialogando com esses manuais, que são distribuídos pelos órgãos governamentais. Agora, quanto ao o mediador, este de ter um repertório de leitura de qualidade para saber direcionar o seu aluno na leitura.

Em suma:

ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância

entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares (COSSON, 2006, p.p. 35-36).

Cabe ao professor saber fazer a seleção de textos que levará para a sala de aula - e essa é uma tarefa muito importante na formação de leitores críticos e reflexivos-, levando em consideração a qualidade estética da obra, saber explorá-la sem se prender aos aspectos gramaticais ou moralizantes.

A adequação ao leitor também é um ponto importante, pois evita a rejeição à leitura antes mesmo que ela aconteça. Contudo, é preciso tomar cuidado para não desvirtuar os propósitos teóricos. Vale lembrar que a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais julgava-se interdisciplinar, mas, na prática, foi implantada de forma disciplinar. Além disso, também não se deve levar a “ferro e fogo” a proposta, tão falada e ao mesmo tempo tão mal entendida, de partir do interesse do aluno, pois, considerando o ensino de literatura, objeto de desinteresse, seu destino seria um só: a exclusão total em prol das adaptações da literatura infantilizada, dos quadrinhos, das mídias; em vez de partir desses objetos que fazem parte do cotidiano do aluno, é importante aproximá-lo do texto literário.

Para transformar o ensino de literatura em um estudo interessante e motivador, não precisa de muito, basta saber contextualizar a obra e a realidade, partindo do meio em que o seu público leitor se encontra - nós somos bem cientes de que não existem receitas, muito menos métodos que nos garantam que todo aprendiz será um leitor voraz.

O que sabemos é que a ponte que liga a literatura é a própria leitura e esse intercâmbio quem vai fazer será o próprio professor, e não tem como fugir disso. Necessita-se deixar bem claro ao aluno que há leituras leves, de massa, assim como há também aquelas condensadas, que necessitará de um olhar mais minucioso para compreender a obra. Além disso, assim como o professor, o aluno também tem o direito de não gostar de um texto – o leitor deve de ter o seu direito de gostar ou não, deve haver essa liberdade.

A leitura que o professor faz do texto antes de levá-lo à sala de aula é essencial para que se faça um bom trabalho. Ler, analisar e avaliar os materiais são passos importantes que justificam a presença de um texto e a ausência de outro em cada contexto de trabalho, considerando-se as necessidades de cada comunidade.

Contudo, para que os alunos entendem o papel, a função social e o porquê do estudo da literatura é preciso que o professor tenha essas respostas bem claras para si mesmo, pois

acreditamos que, quando o profissional compreende, teoricamente, o “porquê” trabalhar determinado conceito, ele é capaz de construir o “como” trabalhá-lo que, certamente, não é igual para todos e nem para todas as situações escolares. Entender o “porquê” não é um processo simples, ao contrário, demanda tempo e elaboração. [...] não há uma relação direta entre saber a teoria e alcançar bons resultados na sua apresentação didática. (MAGALHÃES, 2001, p.p. 254-255).

O que se deve levar em consideração é a sociedade onde ambos estão localizados, os acontecimentos do dia a dia, junto das necessidades de cada ser humano. Os sentidos da vida serão compreendidos por meio da leitura e essa nos revelará quem somos nós.

E a literatura, quando dialogada com outras artes – como o teatro popular na escola -, vai nos propor certo conforto por meio dessa *mimese* – como sabemos, o teatro surgiu com o próprio homem e, na antiguidade, os nossos antepassados, conhecidos como “homens pré-históricos”, já praticavam ritos em que faziam representações cênicas com função mágica e narrativa, com utilização de elementos musicais, movimentos corporais e pinturas.

O teatro deixou ser passivo, hoje ele exerce um papel social e político por meio de suas funções de fazer com que o ouvinte se emocione, pense, questione, reflita e transforme; ele já não é mais uma peça que vai apenas trazer o riso, tornando-se bem diferente do passado, e quem explica essa transformação é o próprio tempo e a sociedade que se torna recíproca nesse processo.

E quando o teatro é levado para a sala de aula, o professor desperta no aluno o gosto pela cultura e pela leitura, as crianças e jovens não só terão contato com os textos, como também poderão refletir sobre as mudanças que ocorreram nas correntes literárias desde o século XVI até os dias atuais, compreendendo que na antiguidade não existiam editoras, gráficas, nem escolas, e o teatro era uma das ferramentas que trabalhava com a linguagem e o povo.

Por isso que o teatro até hoje significa muito para nós, devido a sua função estética, catártica, questionadora, transformadora, provocadora, política e social – uma obra de arte enquanto atividade artística que expressa o homem e seus sentimentos. O teatro auxiliará a criança no seu crescimento cultural e na sua formação como indivíduo.

Trabalhar com o teatro na sala de aula não é apenas fazer com que os alunos assistam às peças, mas que também possam representá-las, incluindo uma série de vantagens obtidas: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a impostação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário), oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens, ajuda os alunos a se desinibirem e a adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento. Enfim, são incontáveis as vantagens em se trabalhar o teatro em sala de aula.

As cenas dramáticas, quando realizadas, fazem com que o indivíduo aprenda a fingir, a fazer de conta, imaginar ser o outro; criando situações imaginárias em cada representação, o aluno passará a ter novas perspectivas de vida e, junto disso, uma série de ideias e ideais, por isso se considera que este seja um dos objetivos mais vitais para os seres humanos.

Porém,

Nosso objetivo na escola não é ter um aluno-autor, um aluno-pintor ou um aluno compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana. (REVERBEL, 1989 p. 22).

Existem documentos na escola que defendem a prática do teatro; os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) são um deles, argumentando que o conhecimento artístico faz com que o aluno desenvolva um maior domínio do corpo, melhor verbalização, tornando-o expressivo, adquira capacidade de organização e domínio de tempo e para responder a situações emergentes, razões pelas quais essa prática é tão importante no processo educativo.



O teatro ainda estimula o indivíduo no seu desenvolvimento mental e psicológico - o teatro é arte, arte que precisa ser estudada não apenas em níveis pedagógicos, mas também como uma atividade artística que tem as suas características como tal. A estudiosa Reverbel vai explicar melhor a função do teatro na escola:

Que o teatro tem a função de divertir instruindo é uma verdade que ninguém pode contestar, pois seria negar-lhe a própria história. (REVERBEL, 1989 p. 13)

O teatro apresenta múltiplas manifestações culturais, essa arte não se restringe apenas em instruir. Essencialmente, tem a função de propiciar prazer, alegria, algo absolutamente agradável. Não no sentido de peças teatrais com temas relacionados a coisas boas ou temas que seguem certas regras de conduta, mas agradável no sentido que a mimese/imitação, o atuar, foi belo, foi real. A oportunidade de escrever uma peça, transformá-la ou atuar nela, a construção de cenários e figurinos são a essência do teatro, pois é algo que pode ser construído e dividido.

Assim sendo, esse trabalho cenográfico permite que os atuantes desenvolvam o pensamento reflexivo tanto sobre a sua obra, pensando na criação do cenário, do espaço físico, geográfico, psicológico, social, histórico, simbólico, literário e urbano por meio da fantasia desenvolvida no escrever a peça. A função do cenário é, pois, a de determinar a ação no espaço e no tempo para que o espectador possa entender os acontecimentos. Ao interpretar, o personagem utiliza a palavra, que possui funções variadas de acordo com o gênero dramático, o modo literário ou teatral etc. A participação no teatro é a sua essência.

Para Aristóteles, o valor estético do teatro se identifica na análise e explicitação da composição narrativa, inicialmente surgida nas tragédias gregas, e a imitação torna-se uma das paixões que movia o homem nas suas ações que modificavam não apenas o entendimento da função de *catarsis*, por meio da qual o espectador seria capaz de simplesmente expressar seus sentimentos pela identificação com a trama e seus personagens. Todavia, seu papel vai além, permitindo que a plateia repense seu estar no mundo, que se dá através de um conflito que a coloca em presença de questões humanas. O conflito é gerado pelas relações entre os personagens.

O objetivo do texto é proporcionar a eficácia da peça e, dessa forma, o texto deve ser bem formulado e os diálogos bem estruturados. Com relação ao teatro infantil, a ação dramática, como característica do teatro, deve ser observada seguindo os mesmos critérios de avaliação de peças para adultos, como por exemplo: estrutura da peça, articulação dos atos, cenas principais e caracterização das personagens. A estrutura da peça apresenta três elementos: exposição, conflito e desenlace. A exposição é a parte em que o público toma conhecimento dos acontecimentos. No conflito, os problemas descritos na exposição chegam ao clímax, aumentando tensões. O desenlace é o moderador da tensão, sendo provocado pela resolução do problema.

### **Considerações finais**

O que se pretendeu com este artigo foi questionar a formação do leitor e investigar, por meio dos livros didáticos, a explanação da cultura popular, mais especificamente o teatro e a relação que esse tem com o ensino de literatura. Vimos que os livros didáticos trazem textos diversificados e cada um apresenta um propósito de acordo com cada ano/série, muitos textos podem ser convertidos para o oral, até mesmo num jogral, numa representação, numa encenação. Há várias hipóteses de trabalhar com esses textos em salas de aula e de maneira dinâmica.

E o teatro é uma boa alternativa, devido o seu caráter de formar pensamentos, contribuindo no desenvolvimento do ser humano, ajudando-o a desenvolver suas próprias potencialidades, tanto na parte artística ou pedagógica, como também proporcionando à criança e ao jovem o conhecimento de outro gênero além da prosa e da poesia, o dramático.

A proposta de realização do teatro na escola, de estudos sobre suas significações históricas e de seus papéis sociais (como o homem o utilizou para organizar o pensamento e refletir sobre suas atitudes e comportamentos) contribuirá para o aluno compreender a importância da atividade teatral, ampliando sua capacidade de estudo e reflexão sobre a produção de sentido no teatro.

O teatro, portanto, vai contribuir no desenvolvimento da expressão e da comunicação, favorecendo em suma a produção coletiva do conhecimento da cultura, tanto no valor estético quanto educativo.

### **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, V. T. de Literatura e educação: diálogos. In: PAIVA, A.; et al. (orgs.). *Literatura – saberes em movimento*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

ALVES, R. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CALVINO, Ítalo. *Assunto encerrado – discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAGALHÃES, L. M. Modelos de educação continuada: os diferentes sentidos da formação reflexiva do professor. In: KLEIMAN, A. (org.). *A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

REVERBEL, O. *Um caminho do teatro na escola*. Minas Gerais: Scipione, 1989.

ROCCO, M.T.F. *Literatura / ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.